

**MAURO MARTINS AMATUZZI**

**ESTÓRIAS E REFLEXÕES**

**1989**



## ESTÓRIAS E REFLEXÕES

### ÍNDICE

1. ESTRELAS FUGAZES .....	p.1
2. A SELVA .....	p.3
3. ENCARNAÇÃO .....	p.6
4. PROJEÇÕES E PROJÊTEIS .....	p.8
5. ANOTAÇÕES DE UMA AULA DE FILOSOFIA .....	p.10
6. AS PALAVRAS .....	p.12
7. NA MATA .....	p.13
8. O VELHO E O MOÇO .....	p.18
9. O MONGE .....	p.27
10. A CASA .....	p.30
11. O SER E O RECEBIDO .....	p.31
12. A VIAGEM .....	p.32
13. O CAMINHO .....	p.33
14. ESTA ARRUMAÇÃO .....	p.37

## ESTRELAS FUGAZES

Não preciso dizer tudo. Basta que eu compreenda. E no meu silêncio o outro se verá. E com muito maior riqueza do que se eu disser. Isso deixa um vazio no terapeuta. Mas afinal quem deve fazer o trabalho não é ele.

O ditador é quem diz tudo. Se eu disser tudo, estou calando a boca do outro. E ele não terá mais o que dizer, dele.

É engraçado que isso se dá também comigo mesmo. Se eu me disser tudo, fico cego.

Lembro-me de uma noite em que estava olhando o céu escuro. Não havia muitas estrelas. De repente fui surpreen-  
dido por algo estranho. Ví uma estrela como que de lado, mas quando fui olhar para ela de frente, fixá-la na retina, ela sumiu. Desviei o olhar. Ela apareceu. Fixei-a novamente. Ela sumiu. Mulher sedutora. Repeti a experiência muitas vezes depois. E com certas variações. Por exemplo, vi uma estrela ao lado da outra, mas era preciso olhar para a primei-  
ra se quizesse ver a segunda. Se olhasse diretamente para a segunda, não a via. Isso ocorre com estrelas meio obscuras, cujo brilho não é suficiente para ser visto de frente. Se você tentar, não a verá.

Às vezes estou com um assunto na cabeça, mas ele não sai para o papel, para a fala, para a solução. Fica entalado. Ponho-me a ler, ou a fazer outra coisa. E pronto; aquele assunto então sai. Flui. Quando a gente menos espera.

A realidade é tímida como os duendes. Vemos os seus resultados. Mas eles só aparecem de noite.

Se você forçar uma mulher, ela poderá até ceder. Mas não sentirá prazer. E o seu então, será menor também.

Ninguém gosta de ser mandado.  
Nem os encantos da floresta.  
Somos todos tímidos.

Há mais sabedoria em nós do que suspeitamos. Mas temos que ir com respeito e brandura. Senão os seus lampejos viram ratos fugazes, de que a gente só ouve o barulho, fica furioso, mas nunca os encontra.

É preciso ficar amigo dos ratos e brincar com as estrelas obscuras.

## A SELVA

O objetivo era explorar a selva. Ela estava lá, enorme, pujante, cheia de mistérios, cheia de estórias. Bichos, plantas, rios, vales, cachoeiras, montanhas, grutas, penhascos.

Alguns a conheciam um pouco melhor, outros não. Alguns já tinham entrado fundo, andado bastante, trazido cicatrizes e coisas deslumbrantes. Alguns ficavam fascinados e não conseguiam transmitir tudo que experimentaram.

- Vocês têm que ir lá. Não dá pra contar, diziam eles. Só vendo mesmo. Vocês têm que ir lá.

Outros ficavam só na beira da selva. Entravam só um pouquinho para apanhar uma fruta, trazer um pouco de água fresca, talvez tomar um banho, e voltavam logo. Não se interessavam muito ou tinham medo. Ou estavam muito ocupados, sei lá.

Outros nem isso. Só iam lá quando tinham que se esconder para satisfazer necessidades fisiológicas.

Já outros iam um pouco mais longe, gostavam, traziam flores.

À noite, em torno da fogueira, eram as estórias. Estórias engraçadas, aventuras, perigos, coisas incríveis, às vezes bonitas, às vezes sofridas. De como tinham ouvido um barulho estranho, de animal, de medo. De como quase caíram no despenhadeiro, se não fosse o cipó que seguraram. De como era lindo o voo daquela ave e o bando de macacos que corria no alto das árvores. De como descobriram uma tal cachoeira, ou de como fulano ficou para trás e quase se perdeu.

E alguns se perdiam mesmo. Apareciam dias depois ou até não apareciam nunca mais. E tinha os que ficavam diferentes depois de algumas jornadas ou expedições.

A mata era tudo. De lá se tiravam as coisas. Lá estavam as emoções, as aventuras, os encantamentos. Inesgotável. Muitos caminhos. Infinita. Indestrutível.

- Que nada, diziam os mais capitalistas. Eu pego um trator e vou derrubando tudo, abro estradas, vendo madeira. Isso é que é exploração !

Ao que retrucavam os que a conheciam mais a fundo:

- De fato talvez você possa fazer isso, mas daí não está explorando, mas destruindo.

Havia os planejadores. Até sobrevoavam a mata, fotografando, tentando delinear contornos. Mapeando caminhos. Mas era quase impossível. E além disso a mata se movia. Não acredita? Pois é. Ela ficava diferente com o tempo. Uma planta que não está mais lá. Um riacho que acabou formando um dique de entulhos e acabou mudando de curso. As grandes árvores que nossos avós contavam e que não estão mais lá, mas aparecem em outros lugares. Tal ou tal barranco que mudou de lugar, tal ilha que apareceu, etc. Sem falar nas mudanças mais rápidas: a lebre que fêz toca e criou onde não tinha bicho no ano passado. A onça que passou por tal lugar etc.

Seria possível dominar a mata? Os mais experimentados diziam que não.

- Dominar não dá. O que você pode é se tornar amigo dela. Compreender, respeitar. Ela se vinga, diziam eles. Se você abusar ou tratar mal. Mas se você for amigo, tem tudo.

E daí vêm as estórias. Explorar não é o melhor termo para entrar na selva. Viver, gostar dela, talvez. Teve aquele grupo de exploradores que queriam apenas caçar por caçar, ou aquele outro que veio tirar riqueza para levar pra cidade grande. Um, foi picado de cobra, outro foi onça. Aquele afogou na cachoeira. Teve um que sumiu, ninguém sabe mais.

Outra forma curiosa de explorar é a do que fica documentando tudo, planejando mil planos, mas não entra de verdade. Mapas, fotos, museus, equipamentos, remédios, armas. Acabam não sentindo, não permitindo o contato. A selva para eles são os slides e tapes que trazem para casa.

E o feitiço? Tem.

Tem os que a selva fascinou. E eles se embrenharam. Largaram tudo e se embrenharam. A mata passou a ser a vida

deles.

É claro que tem também os contadores de vantagens. Que gostam de impressionar com suas proezas. Mas aquele que de verdade enfrentou a onça com um facão no coração da mata, esse não é de muito falar.

Muitos desses que se embrancharam voltam de vez em quando, mas, enfeitiçados, retornam à selva. É lá que eles gostam. Sentem um apelo interior, alguns se tornam guias e ajudam turistas e iniciantes. Sim, porque é diferente ser turista ou iniciante. Muito.

E tem os que pouco aparecem, a maior parte do tempo estão na selva, mesmo sozinhos. A gente muitas vezes ouve falar deles pelos que marcaram encontros com eles, ou por companheiros que de vez em quando aparecem.

Outros que também a gente ouve falar se embrenharam fundo e não voltaram mais. Não que se perderam, mas que ninguém mais ouviu falar deles. É como se eles agora tivessem se identificado com a mata. Eles e a mata são um.

A mata é indomável, ilimitada, indefinida. Você não a pode conter. Mas se você morar nela, ela também mora em você. Escura e clara, quente e fria, deslumbrante e simples, bela e terrível, doce e amarga, dura e meiga, cruel e respeitadora. Ela está aí. Isso tudo é a selva.

Agora, tem uma coisa. Essa é a conversa que nós estamos tendo aqui fora. Se nós formos lá dentro, depois de andar dias e dias, luas e luas, daí a gente vai ter outro tipo de conversa.



## ENCARNAÇÃO

Ao mestre da sedução,  
farejador de fendas,  
rastreador de tropeços:  
o psicanalista.

E a palavra se fez carne  
e veio morar entre nós.

Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus.

Como a palavra pode se fazer carne?

Deus faz isso.

Na questão inversa vejo a resposta  
humana:

como a carne pode se fazer palavra?

Ser artífice da encarnação,

convencer, seduzir, condicionar, manipular.

Magia: a vibração da carne a partir da palavra.

Os ditadores procuram isso.

O supremo pecado: a comunicação de mão única.

Não a resposta à encarnação,

mas a usurpação da encarnação.

Não a divinização a partir da carne

pelo caminho de volta, aberto

na esperança que transfigura,

mas a onipotência, paródia de Deus.

Não a justificação pela fé: o dom,

mas a justificação pelas obras: a eficácia.

Não a explicitação radical dos anseios

até então cegos e perdidos no absurdo.

Não a energia do vôo buscada no frêmito das raízes

plantadas na terra.

Mas o sentido subjugando a carne,

como os saltimbancos.

Não a carne adquirindo sentido

quando ouvida com ternura

na esperança escondida  
na abertura.

Mas a carne alegremente domesticada pelo discurso  
silenciada.

No princípio era a palavra, e no fim.  
No meio: a carne.  
O reino de Deus está no meio de vós.

Talvez o que devamos aprender seja  
ouvir  
compreender  
dizer minha carne  
ouvir a outra carne  
repetidamente e outra vez e mais uma vez.  
E as bolhas serão uma espuma  
na superfície do mar.

Anúncio da palavra: uma atitude.  
Potencialização da carne,  
seus rumores profundos tornados possíveis.  
No mútuo. Sim. No mútuo.

E Deus acreditou na carne.  
A palavra se fez carne  
e veio morar entre nós.  
E todos aqueles que a ouviram  
tornaram-se filhos de Deus.

O oceano é lindo !

# PROJEÇÕES E PROJÊTEIS

Pode a interpretação ser ela também interpretada?

É claro que pode. Tudo o que nós falamos é expressão de nós mesmos. É projeção. E portanto a interpretação é também projeção.

Quando o paciente interpreta a interpretação do psicanalista, este fica furioso e interpreta a interpretação da interpretação.

Mas também esta pode ser interpretada. E teremos então a interpretação da interpretação da interpretação da interpretação. É claro que é possível porque todo falar é projetivo, expressivo não apenas da intenção do falante, mas também do próprio falante para além das intenções expressas.

Teremos então:

Fala =  $F$

Projeção expressa que é a intenção do falante =  $P$

Projeção do falante que se expressa =  $\sqrt{P}$

Então:  $F = P + \sqrt{P}$

Interpretação =  $I$

Interpretação da interpretação =  $I^2$

Interpretação da interpretação da interpretação =  $I^3$

Mas acontece que  $I$  é também  $F$ .

Portanto  $I$  é também  $(P + \sqrt{P})$ .

E o que estávamos falando acima é  $I^4$

que por sua vez será o mesmo que  $(P + \sqrt{P})^4$

e portanto pode haver  $I^5$  e  $I^6$ , e assim por diante,

e que corresponderão a  $(P + \sqrt{P})^5$  e  $(P + \sqrt{P})^6$ ,

e assim por diante.

Ou seja, só aumento o expoente de  $I$

mas nunca atinjo o outro, isto é,  $\sqrt{F}$ .

Em resumo:

a ausência da comunicação,  
o não diálogo,  
o não envolvimento direto,  
o medo de se posicionar,  
o medo de ser o que se é face ao outro,  
o desrespeito,  
o não ouvir,  
o não falar.

O olhar de raio X  
gerando abraços de esqueletos  
numa dança macabra.

Para mim chega.  
Quero abraçar a carne.  
Esqueleto não tem orgasmo.  
Já fui por demais defunto.

Quero que minha projeção seja um projétil.  
Quero que o psicanalista se dane.  
Quero alguém que me entenda  
e fale comigo.  
Quero brigar corpo a corpo.  
Porque então poderei amar corpo a corpo.

## ANOTAÇÕES DE UMA AULA DE FILOSOFIA

Fazer poesia com a ciência  
Fazer ciência com a poesia:  
Filosofia,  
o claro do escuro  
o escuro do claro.

Finge que não vê  
para poder ver  
e se quiser ser visto.  
Mulher bonita.  
Mulher, simplesmente.  
Encantamento.

Não falamos o que falamos  
Não ouvimos o que ouvimos.  
Esta é a palavra:  
o silêncio da palavra  
a palavra do silêncio.

Se você acordar o sonho, não será mais sonho.

A palavra encarnada passa uma rasteira na palavra desencarnada.  
Porque a desencarnada tentou o mesmo com a encarnada.

A lógica do corpo:  
ele não quer a não ser ser, e ser amado.  
Lógica é um chute no saco; do corpo.

O sabor que é saber  
E o saber que destruiu o gostar.

De que é que eu gosto?

O que é a verdade?

Uma passou rasteira na outra

E viramos um computador a cavalo.

O cavalo fica cego

E o computador vira uma lista telefônica  
num país onde reina a telepatia.

Centauro. Mas eu não sou um centauro !

O que fazer então?

A palavra que gruda no corpo é a palavra do desejo.

E o desejo expressa uma ausência.

Por isso a ciência é vã

e só a saudade é importante.

Mas não aquela saudade do que já passou,  
mas a saudade do que nunca aconteceu.

## AS PALAVRAS

A palavra do ver é vã;  
A do ir, leva.  
A palavra do dizer é esterilizada;  
A do interpelar, toca.  
A palavra bolha é vazia;  
A resposta, não,  
ela é eletrizada.

A palavra não cria nada.  
Só a palavra cria.

Tem uma palavra que move,  
é resposta,  
tem um endereço,  
é pronunciada com tremor  
flores  
ou armas  
porque primeiro fui sugado  
para fora de mim.

Tem uma palavra que é mero retrato  
jogado no ar,  
sem endereço,  
sem olhos nos olhos;  
uma excrescência,  
um efeito,  
um produto,  
porque não fui sugado  
mas supurei.

É desta que os urubus gostam.  
Ela é no máximo sintoma, nunca símbolo.

As palavras não existem.  
Só existem palavras.

Quero ir.

## NA MATA

- Está bom. Você disse que uma vez lá dentro a conversa seria outra, não é? Então vamos lá.

...

Chão. Sombra. O canto dos pássaros.

O canto às vezes parece alegre. Mas às vezes lúgubre.

O ar fresco no rosto. Mas já estou começando a suar. E alguns mosquitos se grudam no meu pescoço. Há plantas que cortam a gente. Há flores.

Que barulho é esse? Ah, é você. Que susto! Está muito quieto aqui.

Quanto tempo já andamos? Minhas pernas já estão doendo.

- Vamos procurar água?

- Em geral nas grotas tem água.

Que beleza! Que água boa!

- Descançamos?

- Por que não? Vamos parar de falar um pouco, e só ouvir. Escuta só. E ouve.

...

- Vamos por ali.

Parece que ele sabe que tem que ser por ali.

- Tem que ser?

- Não, não tem.

Mosquitos zumbindo, mais suor. Macacos voando lá no alto. Cansaço. A luz aumentando. Fome. Está mais fácil andar. Muito chão. Mais claridade pouco a pouco. Uma clareira. Mangas. Mangueiras. Tá nossa sobremesa.

...

- Opa!

Zum... pof.

- Ai!

Minha bunda. Que dor?

- Cuidado. Está escorregando aí. Machucou?

- Dói. Mas acho que não machucou.



Puxa. Me sugei todo.

Estragou o lanche? Não. Está tudo aqui.

Meu pé. Está doendo. Enroscou no cipó e quase torceu. Espero um pouco enquanto massageio.

- Vamos lá?

- Vamos lá.

Meus olhos ficaram úmidos.

...

Nessa descida vou com cuidado. Não quero escorregar.

- Olhe aquelas garças!

Branças brilhantes no sol, contra o fundo azul do céu ou verde escuro da mata do outro lado. Com certeza dirigiam-se para perto de alguma lagoa.

- São lindas!

- É. Mas não vamos seguí-las. Está na hora de voltar, não?

- Por hoje, sim.

Como ele sabe que se quisermos voltar não devemos ir na direção do voo das garças?

Já é tardinha.

Barulho de gente. Cheiro de comida. Aumentando, aumentando. Saímos.

O sossego do acampamento. Música, folia. As garças não estão por aqui. A casa delas é pra outro lado. Aqui só aquele cheiro de assado.

- Amanhã tem mais?

- Amanhã tem mais.

- Mas se você quiser seguir as garças temos que dormir na mata.

- Não amanhã. Mas logo.

\*\*\*\*\*

Parece que estou mais treinado. Entendo certos sinais. Interpreto certo. Machuco menos. Canso menos. Não fico tanto dizendo que é lindo. Conversamos menos. Viro-me melhor.

Pensamentos e chão.

Olhando em volta. Nos lugares altos a paisagem. Nos baixos, os detalhes. Uma folha. Uma gota. Uma teia de aranha. Um inseto estranho.

O claro, o escuro. Os pés mais firmes permitem que meu ver voe mais livre.

- E se você ficasse cego?

- Você está louco? Eu estaria perdido!

O sentimento que me vem é de solidão, com o escuro imaginado. Ainda bem que ele está aqui.

- Feche os olhos. Me dê a mão e vamos continuar assim.

A procura do visível, as mãos, a tensão no corpo inteiro. Quando vai acabar esta brincadeira?

Estou relaxando. Aceito pouco a pouco não ver. Vou renunciando ao visível.

Ouço. Ouço! Quanta coisa! Pios, cantos, chiados, marulhos, assobios, estalos, sussurros. Um mundo!

A forma do chão na sola dos pés. Duro, inclinado, firme, mole, escorregadiço, frio.

Relaxo a mão que ele segura. Sem apertar entendo melhor mínimas contrações. Sugestões.

O ar. Quente, frio, abafado, fresco. Nos braços, no peito. O úmido e o seco. O espaço! Ah! O espaço!

Os cheiros.

Os pressentimentos.

...

- Agora venha atrás de mim, de olhos fechados e sem segurar em minha mão.

O cara é louco.

Pressentimentos.

...

E ele gosta dessa brincadeira! De novo?

Vou amarrar uma venda nos olhos dessa vez.

Ando. Sem conversar. Ando.

...

- O moço está gostando. Estão chegando já com a lua!  
Daqui a pouco podemos dormir lá.  
Seguir as garças.

\*\*\*\*\*

Que escuro! Não seria melhor acender o fogo de novo?  
Não. Deixa assim mesmo.

Que barulheira! Sapos, grilos, pássaros da noite. Quem consegue dormir com um barulho desses?

Epa! Esse barulho é diferente. Bicho grande perto. Frio na espinha. Arma na mão.

- Fica quieto!

Silêncio. Silêncio comprido.

E depois mais nada. Os grilos de novo.

Mas quem consegue dormir?

...

Sono chegando devagarinho, o barulho diminuindo, mas a luz também ameaçando chegar pra logo. A substituição de mundos. Outro tipo de gritaria a dos passarinhos de madrugada. O dia.

Cheiro gostoso de café.

E pé no chão, na direção que as garças apontaram. À tardinha elas devem aparecer de novo, voando.

...

O silêncio de novo, no descanso. Sem conversa. Os pássaros cantando.

O canto e a gritaria dos pássaros me levam para o ponto de vista dos séculos. Eles continuam a cantar assim independentemente das revoluções, dos nascimentos e das mortes. Os séculos! A vida. O fluxo.

...

Acho que nunca ninguém veio aqui antes. Ar de fantasia. Bruma. A lagoa. O verde claro da vegetação perto da margem. As águas escuras. Árvores. A casa das garças!

Esta árvore é macia em minhas mãos. Sobe vertical espalhando-se no céu.

Minha barba está crescida. Sinto-me um lobo. Um animal. Esta árvore é minha irmã.

Sou esta árvore. Tenho certeza !

Vejo-me saindo da lagoa. Minhas mãos, peludas, estão sendo formadas pela água, saindo da lagoa. Lá estou eu!

Opa! Mas o que é isso? Que barulhão!. Água espirrando. Ela olhou para mim. Olhou! Aquele olhinho preto. E fugiu no maior estardalhaço. A capivara. Meu coração batendo, e o suor frio.

Aquele olhar! Eu o reconheci antes de dizer que era "uma capivara". Ela olhou para mim! Eu reconheci!.

...

Pagodeira, cachaça, carne assada, sanfona. Conversa solta em volta do fogo, no meio dos homens. Aqui fora. No acampamento. E aquele cara ouvindo notícias no rádio do caminhão. Risadas, casos.

Tudo mentira.

Vou até a beira do mato para escutar os grilos e me lembrar daquele olhar da capivara. Estou barbudo. Como um lobo.

E quando a onça miar grosso para mim?

Senti que ele estava por perto. Amigo velho, companheiro.

- Eu não falei que encanta?

E eu soube que era apenas o começo.

## O VELHO E O MOÇO

- 1 -

Era um rei mau. Judiava das pessoas. Obrigava os lavradores, homens da terra, a entregarem a ele a <sup>ou</sup> maior parte do que colhiam. Os outros trabalhadores da cidade também tinham que trabalhar para ele. Ele se considerava o dono da terra e da cidade. E quando o povo simples fazia sentir que a opressão estava demais, que eles estavam passando necessidade apesar do muito trabalho, que aquilo não era justo, ele ameaçava com o exército. Os soldados, pela força das armas, obrigavam as pessoas a fazerem as coisas. Os que discutiam as ordens ou questionavam a forma como a comunidade vinha sendo governada, eram presos, desapareciam, ou mesmo apareciam mortos. Ninguém podia reclamar. Ter armas, nem pensar. Reuniões para conversar sobre os problemas do povo eram simplesmente proibidas. Nem mesmo os soldados estavam satisfeitos: eles eram obrigados a prender e judiar e até mesmo matar pessoas que eles conheciam, gente como eles, amigos de amigos. Mas eles também nada podiam dizer, nem conversar juntos sobre isso, porque também sobre eles pesavam as mesmas ameaças. Os comandantes mandavam outros soldados prenderem aqueles que queriam discutir as ordens. Não se podia nem falar abertamente.

Há algum tempo que não havia alegria na vida das pessoas. Muito trabalho e pouco se via do fruto do trabalho. Muito pouca festa, e festa medrosa e sem graça. O povo tinha medo. E por causa do muito tempo de medo, tinha quase se acostumado a não falar, não discutir, nem cantar suas músicas. As crianças iam crescendo já naquele ambiente triste e de pouco falar. Depois de grandes pareciam meio acostumadas com o sofrimento, o silêncio, o muito trabalho, pouca festa e pouca dança. Muitos ficavam doentes ou loucos. Mas a insatisfação e a miséria ficavam morando lá no fundo de cada um.

E não é dizer que era passageiro, que tinha um motivo estrangeiro para tudo isso, tipo ameaça de guerra, previsão de

seca ou epidemia. Não havia nada disso, ou nada que obrigasse àquela situação. O rei era mau, só pensava nele e oprimia o povo. Seu pai e seu avô também tinham sido assim, mas ele era pior. Mas ninguém podia falar nada e nem tinha coragem para se revoltar. Não havia muitas chances de mudar a situação. Ele tinha dividido de tal jeito as pessoas que, assim isoladas, não podiam sentir sua força.

Mas havia um velho cujos olhos brilhavam apesar do cansaço. Os olhos dele se mexiam rápido. Ele tinha um segredo e gostava dos moços.

- 2 -

Um dos moços gostava muito desse velho. Os dois conversavam muito. Tanto que tinham até que disfarçar para que os soldados não suspeitassem. Ninguém podia conversar muito. Mas esse moço desconfiava que esse velho tinha algo diferente, e sempre que podia, puxava conversa com ele.

E o velho se interessou pelo moço, e contava para ele velhas histórias daquele povo. E o moço foi entendendo que era possível haver mais alegria no coração das pessoas, que já tinha acontecido antes, e muitas outras coisas. Com o tempo ele foi aprendendo também que a vida era como uma caminhada onde coisas novas acontecem e coisas novas são criadas. E que a alegria era uma condição para que essa caminhada prosseguisse. Um povo triste é um povo parado, que não faz mais história. As coisas só se repetem.

O moço percebeu que tinha muito a aprender com esse velho, e o velho também queria passar a ele muita coisa. Foi então que eles resolveram se encontrar às escondidas para que o velho pudesse contar a ele muitas coisas que quase ninguém mais sabia, e que eram importantes para a vida da cidade. Havia histórias, muitas histórias que as pessoas precisavam saber. Histórias que fazem a gente se sentir diferente depois que sabe. E aquele moço estava se sentindo diferente. É como se ele dissesse: ah! as coisas são assim, então! Se a força dessas histórias tomasse a-

quele povo todo, com certeza que tudo ficaria diferente.

E ele até compreendia agora que essas conversas eram perigosas e eles tinham que se encontrar escondido. E assim faziam. Já ultimamente era assim: encontravam-se depois do serviço, à noite, num lugar meio afastado. E eles tinham que ir para lá em separado, e por caminhos diferentes. Se o rei soubesse, na certa eles seriam presos e desapareceriam. Não se podia contar a história do povo.

Mas o velho, à medida em que o tempo passava, ia ficando mais cansado e ia sentindo suas forças diminuírem. Era como se ele sentisse que estava cumprindo sua missão, transmitindo para o moço as coisas que sabia. E quando ele tivesse contado tudo, então ele teria passado para ele o bastão como numa corrida de revezamento. E o moço é que levaria pra diante o conhecimento e a esperança.

E assim eles foram chegando a conversas cada vez mais sérias.

- 3 -

Já não eram simples bate-papos como eles tinham antes. Através das histórias o velho ensinava, e ele já sério, ia aprendendo. Se o povo pudesse conversar, a força que vinha daquelas histórias ficaria viva neles e tudo se transformaria. Era possível haver alegria, festa, guerra se fosse preciso. Era possível aquela gente sair da pasmaceira.

Era possível não se submeter à miséria daquele jeito. Era possível que cada um desse sua opinião, pois que cada um haveria de saber um pedacinho das coisas. Era possível que tudo se transformasse, e voltasse a haver alegria. Era possível voltar a sentir o gostoso do amor. Ainda que houvesse riscos. Ainda que tivessem que enfrentar a resistência e a opressão do rei.

Aliás "rei" não era aquilo. Reis todos podiam ser. Aquilo era qualquer coisa menos rei. Ele tinha mudado até o sentido das palavras. Se todos conversassem, dessem sua opinião, e também sua cota de trabalho e até de sacrifício, tudo seria diferente. E po-

deria haver festa de verdade.

Mas e os riscos? Os riscos existiam. Quando o povo tomasse sua força em suas mãos, talvez houvesse guerra, talvez muitos morressem. Mas isso não podia ser previsto e calculado. A vida no coração das pessoas escolheria o melhor caminho que fosse possível desde que não se quizesse domesticá-la, impedir às pessoas que falassem, discutissem, dissessem o que sentiam. Se se conseguisse manter essa abertura, as soluções apareceriam. Eles tinham apenas que confiar.

Mas como começar tudo? O primeiro passo quem daria? O primeiro que abrisse a boca seria imediatamente preso.

Daí então o velho lhe disse que todos aqueles ensinamentos ele tinha também recebido de uma outra pessoa que era velha quando ele era ainda moço. Que ele estava transmitindo aquilo que ele tinha recebido. E que isso era a vida do povo, era a semente escondida no coração das pessoas. E essa semente já tinha florescido em outros tempos, conforme as histórias que ele agora sabia, e por isso podia compreender. Podia compreender o que se passava no coração do povo e de cada pessoa.

Quando o velho acabou de dizer tudo isso o moço percebeu que ele estava muito cansado, e que aquelas lições estavam chegando ao fim. E ele, o moço, teve mais uma vez aquela sensação diferente que ele não sabia explicar direito: alegria misturada com medo, entusiasmo misturado com aquele pressentimento de que algo estava por acontecer. Que essa coisa que estava por acontecer o envolvia por inteiro. Mas ele não sabia exatamente o que era.

Foi então que o velho lhe disse:

- Estamos chegando ao fim. Breve eu irei partir. Mas você continua. No entanto ainda falta uma última lição. E nessa última lição eu vou lhe entregar um objeto muito precioso que você deverá guardar com muito carinho.

O moço já se sentia um homem. Compreendendo as coisas do



seu povo. Sentia uma alegria mais profunda despontando de seu peito, e uma coragem também. Aquele velho era um grande sujeito. Mas ele não conseguiu dormir aquela noite pensando na última lição.

Como é possível começar a grande mudança? Eu sozinho não posso nada. E o que será que ele vai me dar? Que objeto será?

Eles iam se encontrar à noite, no lugar de sempre. Deviam chegar em separado e por caminhos diferentes. Naquele dia ele trabalhou duro como sempre, mas estava pensativo, ansioso, mais inquieto do que de costume. Teve que disfarçar para que não percebessem.

Pouco tempo depois que o sol se pôs, ele saiu de casa. Caminhou por ruas diferentes para não ser notado, foi saindo da cidade atento para que ninguém o seguisse, até que chegou na cabana onde sempre se encontrava com o velho. Lá dentro eles podiam até acender uma lamparina sem ser notados. Quando chegou o velho já estava lá. Ele estava sentado e tinha no colo um pequeno embrulho. Era um objeto embrulhado num pano escuro. Começaram a conversar.

Num determinado momento o velho lhe disse:

- A parte mais importante daquilo que eu te ensinei, eu recebi. Com isso que recebi, eu mesmo aprendi mais coisas, pude enxergar coisas que eu não via. Assim aprendi mais. Penso que passei tudo a você. Mas você também com isso vai ter que aprender. Ver, tomar posição, agir e aprender.

O moço então pensou que por mais que o velho lhe tivesse ensinado, ou por mais coisas que ele soubesse, isso ainda não era tudo. Que tinha alguma coisa nessa corrente que passava agora do velho para ele que tinha que ser feita por ele, e que se ele não fizesse, podia até estar quebrando a corrente.

E o velho continuou:

- Talvez você tenha simplesmente que transmitir tudo isso a alguma outra pessoa, como eu fiz com você. Mas talvez não. Eu acho mesmo que os tempos estão maduros, e a grande reviravolta está por acontecer. E eu sei que a coragem não vai lhe faltar.

O moço se sentiu grande por dentro e pequeno por fora. É claro que faltava ainda alguma coisa.

O velho então pegou o embrulho de pano e lhe entregou pedindo que abrisse.

Ele foi desdobrando o pano e encontrou dentro um caco. Um velho caco de cerâmica já meio acinzentado. Pegou o caco, olhou-o bem, com respeito, mas sem entender. Não havia nada escrito nem pintado nele. O velho então disse apenas o seguinte:

- Guarde isso com cuidado. Se você encontrar alguém de quem desconfie que ele sabe essas coisas que conversamos, ou velhas histórias de nosso povo, então mostre esse caco para ele.

Depois mandou que embrulhasse de novo e guardasse. Levantou-se cansado, abraçou o moço com força, e saiu no meio da noite.

- 5 -

Eles se viram ainda poucas vezes, na rua, sem que pudessem conversar. Mesmo sem saber tudo, o moço sabia que não era necessário. As coisas aconteceriam quando tivessem que acontecer. Ele reconheceria. Pouco tempo depois o velho morreu. O moço chorou porque gostava muito dele. Mas também sentiu uma grande responsabilidade. Agora era ele que estava com o bastão.

O povo continuava em sua miséria e opressão. A revolta, a esperança e a vida eram apenas semente. E aquele moço continuou vivendo sua vida prestando atenção no que acontecia em volta.

Um dia ele encontrou um outro homem que estava entregando aos soldados todo o milho que ele tinha colhido em sua roça. Quando os soldados estavam indo embora ele murmurou suficientemente alto para que o moço ouvisse:

- Isso não é justo. Não deveria ser assim. Não foi sempre assim.

Ao ouvir isso o moço sentiu uma grande comoção por dentro e seus olhos quase se arregalaram. Essas palavras que ele tinha ouvido eram suficientes para que o homem fosse preso e assassinado. Ele se lembrou do velho, e de novo tremeu por dentro. Então ele seguiu o homem até a casa dele e ficou sabendo onde ele mo-

rava. Voltou para casa. No dia seguinte pegou o embrulho de pano e foi de novo até a casa daquele homem. Bateu na porta. O mesmo homem veio atender. Ele então pegou o embrulho, abriu, e sem dizer nada mostrou o caco de cerâmica para o homem. O homem então lhe disse:

- Volte aqui com isso amanhã depois do sol se por.

O moço guardou o caco e voltou para casa. Ele estava tremendo. Tinha uma certeza. Algo estava por acontecer.

- 6 -

Ele mal conseguiu trabalhar aquele dia e quase apanhou do capataz desconfiado. À noite ele pegou o embrulho e foi para a casa do homem.

Chegando lá bateu à porta. Ele veio atender, e disse:

- O senhor entre, seu moço.

Ele entrou devagar e chegou numa sala. Havia uma mesa e mais ou menos dez pessoas sentadas em torno, entre homens e mulheres. Todos o cumprimentaram. Ele não conhecia aquelas pessoas, mas era como se conhecesse. Daí o homem dono da casa tirou de um embrulho semelhante ao dele um caco de cerâmica também muito parecido com o dele, e o pôs em cima da mesa. Então todos fizeram o mesmo. Cada um tinha um pedaço. O moço estava estarelecido e começava a compreender, e ao mesmo tempo sentia uma espécie de fogo querendo arder dentro dele.

Aí então todos começaram a juntar os pedaços como quem monta um quebra-cabeças. Formou rapidamente um vaso daqueles onde se plantavam flores, no tempo em que havia muitas flores por ali. Faltava somente um pedaço. Todos olharam para o moço. Ele viu que era o pedaço dele que servia ali. Agora ele compreendia tudo. Tinha uma decisão a tomar: colocar o seu pedaço ali completando o vaso e assim se envolvendo na grande revolução que ia começar, ou então não fazer isso, dar uma desculpa qualquer ou sair correndo.

Ele ficou quieto por alguns instantes, e depois gravemente e lentamente, desembalhou o seu pedaço e o colocou no lugar que faltava. Ele se adaptou direitinho ali e o vaso ficou completo. A revolução tinha começado.

- 7 -

O que aconteceu depois é mais ou menos fácil de prever. Aquele grupo de homens e mulheres ainda conversaram até altas horas da noite.

No dia seguinte cada um deles em seu local de trabalho e moradia, ou no caminho para o serviço, começou a conversar com os outros. Em pouco tempo a cidade inteira estava discutindo o que acontecia, contando histórias do povo, deixando brotar as sementes de vida. O rei, os generais e os capatazes foram pegos de surpresa com tudo isso tão rápido acontecendo. Se tivessem que prender teriam que prender a todos e não haveria mais ninguém para trabalhar para ele. Trataram então de encontrar os líderes. Prenderam muita gente, torturaram. Mas o povo vendo aquilo procurava impedir. Focos de resistência se organizaram, sabotagens eram feitas. Houve mesmo combates de rua e mortes. Mas também os soldados começaram a aderir à revolução e a desobedecer seus comandantes quando estes mandavam bater ou prender gente simples do povo.

Em poucos dias tudo estava diferente naquela cidade. Houve momentos muito difíceis, de confusão, caos e desespero. Mas isso até que não foi muito se comparado a todo sofrimento, miséria e morte daqueles anos e gerações.

Pouco a pouco o povo foi se organizando. Quando os momentos piores já tinham passado até algumas festas, ainda meio apressadas, começaram a acontecer.

O rei ficou acuado. Foi perdendo a força. Poderia se quizesse, entrar naquela nova corrente de vida e esperança. Mas não quis. Algum parente dele ficou lá. Mas ele acabou fugindo para outras terras.

A alegria voltou a reinar. As pessoas discutiam os problemas e decidiam o caminho que queriam tomar. Viam o fruto do trabalho. As festas aconteciam cada vez mais. O povo cantava. Muitas flores voltaram a ser cultivadas.

Há muito tempo atrás dez homens valentes e sábios, tendo lutado o que puderam, perceberam que não havia mais condições de prosseguirem naquele momento. Então, antes de se separarem para esperar melhores tempos, eles quebraram um vaso e cada um levou um pedaço consigo.

## O MONGE

Quando chegou o dia, o discípulo perguntou ao seu mestre:

- Mestre; onde se encontra o amor?
- Na mãe, nos irmãos, e na mulher; respondeu o mestre.
- Mas... o pai não ama seu filho? Continuou o discípulo.
- O amor do pai é da mesma família que o amor da mãe.
- E o mestre não ama o discípulo?
- Também o amor do mestre é desta mesma família. Pelo menos no começo.
- No começo?
- Quando o discípulo aprende, o mestre não é mais mestre, e sim, companheiro.
- Quer dizer que com o tempo o mestre se torna irmão?
- Sim, é isso. E o discípulo se torna mestre. E chega um dia em que você se torna irmão de seu pai, e irmão de sua mãe.

O discípulo foi pensar nessas palavras. Depois voltou.

- Mestre; eu não tenho irmãos.
  - Você tem muitos irmãos; respondeu o mestre.
- E o discípulo novamente parou para pensar nessas palavras. Mais tarde disse:
- Como é que um monge pode conhecer o amor se ele não tem mulher?
  - Alguns assumem que não vão ter uma mulher. A não ser que prefiram ser daqueles que têm mulher.

Muitos dias se passaram e outra vez o discípulo perguntou:

- Mestre; onde se encontra o amor?
- Na mãe, nos irmãos e na mulher.
- Não se encontra em Deus, mestre?
- Ninguém nunca viu a Deus. Se você não encontra o amor no que você vê, como pode encontrar no que não vê?

- Semanas se passaram antes que o discípulo voltasse a perguntar. E ele voltou:

- Mestre; onde se encontra o amor?
- Na mãe, nos irmãos e na mulher; repetiu o mestre.
- O amor da mulher é belo?
- Sim. É belo. Quando existe.
- Quando existe?
- O amor é belo. Mas ele precisa ser procurado e

cultivado.

- Precisa ser procurado? Ele não é uma coisa que acontece?

- Quando o amor não cresce, ele morre, ou fica doente.

E o discípulo passou alguns meses pensando em tanta coisa. E então voltou a perguntar:

- Mestre; onde se encontra o amor?
- Na mãe, nos irmãos e na mulher; respondeu o mestre.
- Onde estão os meus irmãos?
- Abra os olhos em volta, e você verá os seus irmãos.
- Mestre; ver é amar?
- Não. Ver não é amar.

Muito tempo correu para que o discípulo pudesse aprender essa lição. Talvez alguns anos.

Depois ele voltou e perguntou:

- Mestre; onde se encontra o amor?

E desta vez o mestre respondeu diferente.

- Em você, disse ele.
- Em mim?

- A natureza lhe dá filhos, irmãos, mulheres. Mas eles não serão para você filhos, irmãos e mulher, se você não encontrar amor dentro de você.

E com essas palavras o discípulo foi viver mais alguns anos.

E então voltou:

- Mestre; onde se encontra o amor?

- Em Deus, respondeu o mestre.

Algum tempo depois o discípulo estava preparado para começar a ser monge.



## A CASA

Antes,

quando eu via uma casa bonita,  
pensava: como deve ser bom morar aí!

Depois,

quando eu via uma casa bonita,  
pensava: será <sup>que</sup> quem mora aí é feliz?

Hoje,

quando eu vejo uma casa  
seja ela bonita ou feia,  
grande ou pequena,

digo: será que as pessoas que moram aí são felizes?

Amanhã

talvez eu já não vá mais reparar nas casas,  
mas nas pessoas.

...

Mas depois ainda

quem sabe não vou mais reparar em pessoas.

(Afinal cada um vive como quer.)

Vou então é falar com elas.

E ainda depois

vou mais é falar com quem eu quero,  
com as pessoas que eu escolhi.

Dáí então

pode ser que eu queira uma casa  
para morar,  
e vou querer que seja bonita...

## O SER E O RECEBIDO

Tudo que somos é recebido  
Mas não recebido acabado,  
e nem parado.  
É um movimento que recebemos.

Por nós ele se cumpre  
Somos o que dele passa por nós  
Nele nos realizamos  
Em nós ele se realiza.

O recebido não está pronto  
É algo se fazendo  
Gemendo  
ou cantando.

Oferecer resistência a esse fluxo é esvaziarmo-nos  
E chegarmos ao nada.  
Seremos  
na medida em que também por nossa vontade ele se realize.  
Inserindo-nos,  
abandonando-nos,  
entregando-nos.

A individuação é uma sintonia  
A liberdade é um destino  
A expressão é um encontro.

Não entenderemos nada daquelas três  
antes que elas sejam estes três.  
Entender é ser.  
E se não for  
será um malentendido.

A suprema atividade  
é também passividade.

## A VIAGEM

Menina Raquel

viajante

que nos ensinou como se parte em paz

como se sempre soubesse

que partir fosse a essência do viajar

e que por isso a alegria de cada momento

fosse fundamental.

Vô Abraão

pai de todos os viajantes

recebe esta menina

em tua caravana.

## O CAMINHO

O caminho é uma realidade cheia de paradoxos. Não tão simples como se imagina. O que é um caminho?

Caminho, via, rota.

Rua, estrada, avenida.

Senda, vereda.

É aquilo que você toma para ir. É um roteiro, uma sequência. Sequência de lugares por onde você deve passar. Se quiser chegar.

Existem caminhos?

- Mas é claro que existem. E é algo de muito concreto. Uma estrada você vê. Por onde ela passa. É muito real. É chão batido, pedras, asfalto. Aquela cobra deitada no território, no mapa.

- Esse é o caminho que a gente vê. Mas tem o que a gente não vê e que é também muito real. Por exemplo a rota de uma viagem no mar. Você não vê o caminho lá no mar. Ele é apenas a sequência dos lugares por onde o navio deve passar ou já passou. Você não vê o caminho no mar porque ele não está marcado no chão. Só vê no mapa. Ele está marcado nos papéis que os homens escreveram ou na memória dos que já passaram por lá. É diferente da estrada que a gente vê no chão.

Tem um caminho que a gente vê e tem um caminho que a gente não vê. Mas os dois existem.

- Existem?

O que é uma estrada? Não é um objeto, uma coisa. Uma estrada calçada de pedras por exemplo, não é uma pedra. É uma porção de pedras que foram colocadas lá uma ao lado da outra, e uma depois da outra. Uma porção de pedras que por acaso estão perto uma da outra, não fazem um caminho, a não ser que a gente use estas pedras para ir.

Se você tirar quem constrói e usa os caminhos, os caminhos somem. Sobram só as pedras.

O caminho não existe. Existem apenas pedras, areia, asfalto, rios, mar, céu, praias. O caminho existe na cabeça de quem entende, quando essas coisas que existem têm uma sequência definida para chegar em algum lugar.

Uma praia não é um caminho, mas para o homem, é. Um rio também não é um caminho. Só para o homem.

- Para as águas que correm no rio também ele é um caminho!

- É, mas as águas não sabem nada disso, nem o chão por onde elas passam. É só o homem que sabe isso, ou, em medida menor, alguns animais.

Na realidade não existem caminhos. Eles só existem em função do homem ou de quem os constrói ou usa. O que existe na realidade são coisas da natureza nesta ou naquela ordem ou posição. O sentido dessa ordem é atribuído pelo homem.

Os caminhos existem, é claro. Mas eles não têm sentido sem alguém que os use e faça deles caminhos de verdade.

Sem o caminhante, o caminho são apenas pedras.

A gente tem maneiras de falar que são verdadeiras mas que nem sempre correspondem a cada coisa existente. E temos que usar essas maneiras de falar. Se o homem ficar sem caminhos, ele fica louco ou morre.

A rigor nem pedras existem. O que falamos é, na verdade, nossa relação com o mundo, e nesse falar definimos como organizamos essa relação. Até quando falamos das pedras é assim. Quanto mais quando falamos dos caminhos.

É preciso saber disso para que surjam caminhos novos.

O caminho liberta o homem. É por ele que o homem se desprende do lugar onde está. Parte, viaja, explora, passeia, sai. E volta. Os caminhos formam uma rede. O ser humano sobre a terra é como uma aranha que constrói sua teia e passeia por ela. Um fio está ligado a outro. Ele vai e volta. Raramente o homem vai sem poder voltar. Os novos caminhos estão ligados como galhos aos troncos, como afluentes ao rio, como braços

ao corpo. E o homem amplia sua teia de influência sobre a terra, pelos caminhos. Os pioneiros constroem novos caminhos, mas sempre ligados pelo seu ponto de partida a algum ponto da teia.

Pelos caminhos você pode voltar também. Eles formam uma imensa rede.

Raros são aqueles que constroem caminhos novos cortando os pontos de contato com os caminhos antigos. Estes são os aventureiros que queimam os navios e tornam impossível a volta.

Um pouco disso todos nós temos que fazer. Para viver. É cortar o cordão umbilical. E existe um cordão que todo mundo vê, e outros cordões que são reais mas a gente não vê do mesmo jeito. Penso que todos nós temos que romper as amarras algumas vezes na vida. Sem isso não podemos partir. Todo partir é um romper. Não tem jeito. Mas os caminhos fascinam os homens: a possibilidade de partir.

O caminho liberta mas prende também. Quanto mais bem construído o caminho, mais preso você está àquela rede. Nesse sentido para você se libertar é preciso romper os caminhos de volta. Daí você parte. Daí você levanta vôo. O avião não pode voltar de marcha-ré. Se o avião quiser poder dar marcha-ré ele nunca sai do chão.

Os caminhos te mantêm preso. É por isso talvez que os homens gostam de se aventurar por caminhos difíceis. Num caminho difícil o retorno é difícil. Muitas pessoas gostam de se aventurar por caminhos difíceis porque a liberdade as fascina. A libertação atrai. Horizontes. O homem é um inquieto.

Caminhos muito batidos perdem o sabor de selvagem. Se você quiser explorar a selva por uma estrada asfaltada, você nunca conhecerá a selva, como ela é.

Estranhas realidades que são os caminhos.

Se os guias e gurus indicarem caminhos muito batidos, muito firmes, muito seguros, o discípulo não descobre nada.

O caminho verdadeiro, o que realmente te conduz, tem que ser pessoal. O guia verdadeiro é aquele que sabe disso. Ele partilha das incertezas.

- Então não existem guias?

Talvez o guia seja alguém mais experimentado, e que vai junto. E que reage, na prática, em função de sua experiência e não em função de um plano construído. E isso até que o discípulo aprenda coisas próprias, porque a partir daí não há mais guia e discípulo e sim, companheiros.

Os guias dos caminhos batidos e de ida e volta não conhecem a selva.

É muito difícil um guia verdadeiro dizer tudo que ele sabe. Porque ele não sabe muitas coisas. E é nisso que está o seu saber. É por isso que nenhum livro substitui um guia. O livro é definido. O guia reage a cada nova situação. E nem ele sabe tudo que tem dentro de si.

O verdadeiro guia não fala muito.

O verdadeiro guia constrói caminhos novos, aprende .

O verdadeiro caminho é você que constrói.

O verdadeiro caminho não é caminho de ida e volta. É só de ida. Você pode voltar, mas depois de dar uma volta grande e, mesmo assim, na volta você olha o lugar onde você estava com outros olhos.

Talvez isto seja o crescimento humano.

Para onde vão os verdadeiros caminhos? Não sei. Porque se soubesse não seriam necessários caminhos. A gente já estaria lá. Mas resta uma coisa: o homem é fascinado pelos caminhos verdadeiros.

Quero acreditar que o homem pode sentir quando o caminho é verdadeiro, e quando não é. Isso não acontece muito porque a gente está embotado pelos falsos guias que só mostram caminhos seguros que não levam a nada, que não te põem em contato com a selva.

A gente pode aprender a sentir quando um caminho é verdadeiro e quando não é.

## ESTA ARRUMAÇÃO

Assim é a realidade: estrelas fugazes. Principalmente depois que aprendemos tudo que aprendemos. A principal aprendizagem: desaprender. Então veremos os duendes da floresta e conversaremos com eles. - "Estrelas fugazes" foi escrito em 1985.

O que é o mundo vivido? E a vivência do vivido? Só a estória da selva me sossegou quanto a isso. - Foi escrita em 1981, quando Rogers era ainda vivo. Faz parte de um texto que levei ao I Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa; e foi publicado na Revista das Faculdades Franciscanas (hoje Universidade São Francisco) quando eu ainda era professor lá.

Há certas formas de relação terapêutica que não são relação, mas no máximo relacionamentos. E então seu alcance terapêutico fica limitado, se é que às vezes não se tornam anti-terapêuticas. Mas o que me deixa furioso é quando essas formas são apresentadas como a única coisa séria e profunda no reino das terapias e das teorias terapêuticas. - "Encarnação", e "Projeções e projéteis" foram escritos sob a força dessa fúria, em 1985.

O professor de quem ouvi essa "aula de filosofia", em 1985, foi o professor Ruben Alves, que muito admiro. Mas é claro que a responsabilidade pelo texto, tal como aqui apresentado, é inteiramente minha.

Relendo essa coletânea me deu vontade de completar alguma coisa. Daí "as palavras". 1989. Inspirado em parte em notas de roda-pé da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty, no capítulo em que ele fala do corpo como expressão e a fala.

No fim da Selva ficou um desafio que resolvi tentar responder nestas férias de fevereiro de 1989. Resultou "Na Mata": outro tipo de papo que se eu pudesse dedicaria a Martin Buber porque poderia ter também como título: "o doce olhar da capivara".

Nessas mesmas férias contei a estória do "Velho e o Mo-



ço" a meus filhos e sobrinhos. Eles a ouviram, coisa rara, magnetizados. Essa estória poderia ter outros títulos também. Títulos de gente grande, quem sabe. Um deles bem poderia ser: "a dinâmica do símbolo". Acho que meus encontros com Antônio Muniz de Rezende e com Paulo Freire estão na origem dessa estória.

"O Monge" já foi publicado em Crescimento e Ajuda, depois Retratos da Vida, um livro meu. O texto é de antes de 1980. Gosto muito dele até hoje. Não modifiquei quase nada nele, aqui.

"A Casa" é uma reflexão de 1985. "O Ser e o Recebido", de 1989.

"A Viagem" foi uma prece que fiz por Rachel Lea Rosenberg quando ela se foi em junho de 1987.

É o caminhante que faz o caminho. Ele o faz caminhando. E caminhando pressente para onde vai. E então corrige rotas, vai refazendo o caminho. - "O Caminho" faz parte também daquele texto que levei ao I Fórum da ACP. Modifiquei alguma coisa nele aqui.

Agradeço a quem comigo caminha.

Não há caminho solitário.

Mauro Martins Amatuzzi  
Campinas, março de 1989